



## NOS CAMINHOS DA FIGURATIVIDADE

### ON WAYS OF FIGURATIVITY

Iara Rosa FARIAS

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo  
Campus Guarulhos

**RESUMO:** No final da década de 90 do século passado e no início deste século, o conceito de figuratividade ocupou grande parte das discussões da Semiótica francesa. Observada nos primórdios da teoria como acabamento do discurso, no citado período, foi observada como acesso ao sentido. Neste último contexto, a figuratividade estava relacionada ao ato da percepção, instaurando um percurso direto ao sentido, segundo as investigações de Bertrand (2000) e Keane (1991), por exemplo. Tínhamos, então, uma espécie de “retorno” à fenomenologia de Merleau-Ponty, isto é, a percepção como instauradora do sentido. Os trabalhos de Fontanille (1998; 1999) e de Fontanille e Zilberberg (1998) davam um aporte mais discursivo a este ponto de vista, enquanto outros apontavam para a questão fenomenológica da percepção. Nos dias atuais, a figuratividade ainda é foco de interesse, no entanto, é preciso observá-la sob as reflexões dos últimos trabalhos que investigam a relação percepção, linguagem e sentido e (re)tomam a direção da primazia discursiva moldando a percepção. Noutros termos, a língua, na sua arbitrariedade, que categoriza e instaura a percepção do mundo. Mesmo que este ponto de vista já fosse esboçado em Bertrand (2000), as discussões atuais nos alegam que não há, inclusive, percepção sem linguagem, a percepção pura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Figuratividade; Percepção; Corpo; Significação.

**ABSTRACT:** In the late 90's of last century and the beginning of this century the concept of figurativity has constituted several discussions into French Semiotic. Observed in the early days of theory as finishing of the text, in the last period was observed as access to the sense. In this landscape figurativity was related to the act of perception and it was instated the perceptual route to meaning, according to research of Bertrand (2000) and Keane (1991), for example. We had then a sort of return to the phenomenology of Merleau-Ponty, ie, the perception as founder of meaning. The works of Fontanille (1998, 1999) and Fontanille and Zilberberg (1998) gave a more discursive contribution to this view, while others pointed to the issue of phenomenological perception. Nowadays, the figurativity is still a focus of interest, however, we must observe it in the reflections of recent studies that investigate the relationship between perception, language and meaning and (re) take the direction of the primacy of discursive molding the perception. In other words, the language in which categorizes its arbitrariness gives the perception of the world. Even if this view was already outlined in Bertrand (2000) in the current discussions there is no claim perception without language, the pure perception.

**KEYWORDS:** Figurativity; Perception; Body; Signification.

## Horizonte

[...] *le praticien de l'analyse du discours qui s'attaque aux textes des littératures, orales ou écrites, éprouve, plus que quiconque, l'urgence d'une théorie du figuratif inscrite dans le cadre d'un modèle général du discours.*

J. Geninasca

No ano de 1998 do século XX, tive a oportunidade de ser aluna de um professor encantador. A maneira como conduzia suas aulas justifica o termo, pois era maravilhoso passar tardes ensolaradas, dentro de uma sala, ouvindo Ignacio Assis Silva abordar temas da Semiótica greimasiana, tratando da epistemologia da disciplina, de seus conceitos, discutindo-lhes a validade... Não havia outra questão que ocupasse meus pensamentos nas aulas do professor que, para ser entendido, exigia muitas horas de estudos, mas que, ao mesmo tempo, preocupava-se com a formação de seus alunos. Foi assim que, ao saber que eu ainda não dominava o francês, Ignacio trouxe textos de semiótica em italiano, inglês e espanhol para que eu pudesse acompanhar a disciplina Tópicos de Semiótica I: Brøndal, Hjelmlev, Greimas. Diante de tanta gentileza, o melhor que pude fazer foi estudar francês e mergulhar de vez nos estudos de semiótica. Foi uma das melhores coisas que fiz...

A relevância do curso ministrado foi constatada quando tive a oportunidade de realizar um estágio em Paris (1998/1999), onde pude acompanhar as últimas pesquisas, à época, em Semiótica. O tema que fomentou os seminários girava em torno da **figuratividade** (conceito que ocupou algumas aulas e produziu muitas reflexões no professor Ignacio) e da sua relação com a **percepção**. Deste contexto tão profícuo, dos estudos realizados e da vontade de diálogo resultou minha tese de doutorado intitulada *Das figuras do mundo às figuras do discurso: uma visão semiótica da percepção*<sup>1</sup>.

Não tive o prazer e o desafio de ouvir de Ignacio quais as lacunas e as possíveis contribuições do trabalho feito. Neste artigo, busco retomar um tema caro tanto ao professor quanto para mim; passemos, então, às balizas que tornaram possíveis a caminhada que ora se inicia.

## Balizas

No contexto dos anos 80 do século XX, o papel último da figuratividade era entendido como acabamento do discurso com a função de manipular a crença do enunciatário pelos efeitos de realidade que provoca. Nos anos 90 do mesmo século e no começo dos anos 2000, acrescenta-se à concepção anterior outra noção: a de que a figuratividade instaura outra forma de apreensão do sentido, constituindo um raciocínio figurativo, mantendo relação direta com a percepção. Estas últimas formulações foram fruto do entendimento e das discussões em torno do livro *De l'imperfection* (1987) de Greimas, um marco para o conceito figuratividade. A partir daí, buscou-se observar as relações entre percepção e sentido, e como a figuratividade poderia ser o resultado dessa relação. Isso reabriu as discussões sobre a semiose e as correlações entre as duas macrossemióticas naturais: o mundo e a língua. Os estudos sobre a figuratividade, enfim, tornaram-se o eixo dos questionamentos sobre o papel categorizador da linguagem, da sua relação com a percepção e da constituição das zonas semânticas do sentido.

---

<sup>1</sup> Tese orientada pelo professor Luiz Tatit, defendida em 2002, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Entre os dois pontos de vista – da figuratividade como acabamento do discurso e como resultado do ato perceptivo –, muito se produziu teoricamente, e o resultado foram seminários, artigos e livros que apontam para concepções que os sustentam, mas que nem sempre foram unanimidade entre os semioticistas. Se as primeiras pesquisas sobre a figuratividade estavam inseridas no contexto da construção e do estabelecimento da Semiótica entre as análises do discurso, os trabalhos posteriores buscavam constituir a reflexão e a discussão em torno do próprio conceito, demonstrando os rumos e as evoluções que a teoria greimasiana poderia tomar.

Neste artigo, quero fazer um recorte epistemológico dos estudos sobre o conceito figuratividade. Isto quer dizer que busco fazer um histórico das reflexões e das discussões que resultaram nas produções a partir das quais balizarei meu percurso. Não tenho a pretensão de fazer um trabalho exaustivo e definitivo, porque muito se escreveu sobre a figuratividade no interior da Semiótica francesa e também porque há os limites que um artigo impõe. Selecionei obras, entre tantas, que me permitem atingir o meu objetivo e oferecer ao leitor um horizonte sob o qual muito se produziu, esperando instigar mais pesquisas e mais trabalhos sobre o tema. Como já dito acima, a discussão sobre figuratividade passa ainda pela reflexão sobre a linguagem, no entanto esse ponto de vista não será abordado aqui.

### As primeiras estradas

O termo figuratividade é proveniente do cenário das artes pictóricas e, em Semiótica, designa a propriedade dos discursos de fazer remissões às significações análogas àquelas constituídas pelas experiências sensíveis. Em outras palavras, trata-se da qualidade que um texto possui em simular, por meio das suas figuras, a experiência sensível, podendo levar o enunciatário a tomá-lo como verdadeiro. Essa primeira concepção de figuratividade, como recurso de manipulação da interpretação do enunciatário, constituiu-se numa visão segundo a qual era entendida como um acabamento do percurso gerativo do sentido, ou seja, do discurso manifestado. Pode-se dizer que o trabalho balizador desta concepção foi o texto “La structure élémentaire de la signification” do livro *Sémantique Structurale* (1966)<sup>2</sup>, no qual Greimas, ao tratar da manifestação do sentido, elabora um estudo da palavra cabeça (*tête*). No texto, parte-se do lexema rumo à figura nuclear que sustenta a significação.

A produção de dois dicionários objetivou dar os contornos aos estudos em Semiótica e organizá-los, sendo, por isso, obra referencial entre os pesquisadores da teoria. No *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage I* (1979), temos as definições de figura, figurativização e figurativo. Somente no *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II* (1986), com uma observação em parêntesis logo abaixo do título – complementos, debates, proposições –, aparece o conceito figuratividade como termo novo em proposição. O termo figura possui definições complementares. É na segunda entrada deste termo que se reavalia a oposição entre figurativo (textos mais concretos) e não figurativo (textos mais abstratos, temáticos). Claude Zilberberg, responsável pelo verbete, propõe abordar a oposição como dois modos de figuração. Assim, ao invés de pensarmos na oposição figurativo e não figurativo, o semioticista sugere que adotemos os conceitos **figurativo** e **figural**, numa visão gradiente da figura, entendendo que o primeiro seja tomado como termo variável e o segundo, como termo constante da dimensão figurativa do discurso (ibidem, p. 92). A noção que apresenta o conceito defende que todo discurso se sustenta por uma organização figurativa

---

<sup>2</sup> Em razão do recorte epistemológico adotado neste trabalho, as obras citadas estarão no original. A respectiva publicação em português constará nas referências.

mínima, ou seja, a figurabilidade está inscrita em todos os textos. O livro do professor Ignacio, lançado anos depois, como veremos, indaga e reflete sobre as noções acima.

No *Le Bulletin*, 20 (1981), dedicado à figurabilidade, a abertura, assinada por Jacques Geninasca, aponta a necessidade de se pensar nos estudos, e mesmo numa teoria, do conceito, em razão de muitos analistas do discurso trabalhar com textos notadamente figurativos. Nas palavras de Geninasca,

Quotidiennement confronte aux problèmes que posent l'élaboration et le traitement des figures du monde naturel (choses, personnes, décors, actions, en termes traditionnels), le praticien de l'analyse du discours qui s'attaque aux textes des littératures, orales ou écrites, éprouve, plus que quiconque, l'urgence d'une théorie du figuratif inscrite dans le cadre d'un modèle général du discours (1981, p.5).

Na mesma obra, o artigo de Françoise Bastide – “Le sentier et la cascade, deux figures ‘spontanément’ actualisées” – mostra que mesmo textos tradicionalmente classificados de abstratos, como o artigo científico analisado, apresentam figuras que remetem ao mundo real para sustentar a significação. Entendidos como textos temáticos ou abstratos, os discursos científicos foram tomados, por muito tempo, como isentos de qualquer figurabilidade. No entanto Bastide verificou que, ao divulgar o resultado de suas pesquisas para a comunidade acadêmica, ou para difundi-lo enquanto conhecimento humano, os textos científicos apresentavam uma figurabilidade mínima, possibilitando sua apreensão.

Bastide mostrou, pela sua análise, que não havia uma divisão categórica no uso de figuras nos textos, daí que a classificação de textos como figurativos e não figurativos poderia e deveria ser revista. Por sua vez, o semiótico Joseph Courtés, coautor dos dicionários de semiótica, em seu livro *Analyse sémiotique du discours: de l'énoncé à l'énonciation* (1991), propôs o termo **figurativo abstrato** para denominar textos com figurabilidade mínima e **figurativo icônico** para aqueles que melhor produziam a **ilusão referencial** (p. 169).

Como se pode notar, caminhou-se de uma classificação opositiva dos textos para uma mais gradiente. Mesmo os conceitos apresentados por Courtés, embora pudesse já ter adotado os termos figurativo e figural, o que não fez, já apontavam para a noção que viria se instituir anos mais tarde e proporcionar reflexões e discussões muito férteis e polêmicas sobre a figurabilidade, como veremos no decorrer deste artigo.

As *Actes Semiotiques*, 26 (1983) são o resultado do *Seminário Semiótico* ocorrido no período de 1982/1983, dirigido por Greimas. Cada pequeno artigo (em média com quatro páginas) constitui o cenário onde as discussões sobre a figurabilidade foram realizadas. Os autores tiveram o desafio de tomar o conceito e tratar de seu papel na representação chegando à iconicidade plástica (Jean-Marie Floch), à construção do ponto de vista do observador (Jacques Fontanille), à construção da referencialidade (François Rastier e Françoise Bastide), à construção da espacialidade do romance (Denis Bertrand) e à constituição da simbolização no texto (Joseph Courtés), citando apenas alguns dos trabalhos. O que se depreende do conjunto dos textos é uma busca para entender o papel das figuras na criação da ilusão de realidade e de referente, tornando os discursos verossímeis. Porém, notou-se, também, que é possível observar, ainda, por meio da figurabilidade, a construção do valor dos objetos e sua circulação numa cultura. Entender o arranjo das figuras do texto ia além das questões da construção do efeito de realidade. Pode-se inferir, então, que, frente à diversidade das análises do discurso, entender o papel da figurabilidade se tornou relevante para mostrar a operatividade da Semiótica.

O texto final de Greimas faz um balanço dos problemas levantados pelas discussões e aponta os possíveis caminhos para futuros trabalhos. Na nota final do artigo, ressalta que “Le problème de la figurativité productrice de la syntaxe discursive n’a pu être traité cette année dans le cadre du séminaire” (op. cit. p. 51). Este tópico voltaria ser discutido, anos mais tarde, em outro seminário, como veremos mais adiante.

Neste contexto teórico, como podemos notar, as questões em torno da figuratividade ainda estavam mais diretamente relacionadas ao percurso temático, à construção da isotopia figurativa e sua relação com a isotopia temática, ao papel da construção da verdade e da verossimilhança do texto e à produção da impressão referencial. Enfim, o conceito é tomado na sua relevância da construção do texto, ao mesmo tempo em que se verifica um esforço em descrevê-lo e torná-lo operativo (figurativo/figural; figuratividade icônica/abstrata, por exemplo). Os verbetes dedicados ao conceito no Dicionário de Semiótica II apontam para esse caminho.

As discussões que se fizeram, elegendo a figuratividade como assunto – do Seminário, do *Bulletin*, das *Actes Semiotiques* –, também demonstram, além das evoluções na teoria, a preocupação em tornar o conceito operativo para diferentes tipos de texto (como foi o caso do estudo de Bastide). Tal contexto fomentou ainda reflexões sobre temas que irão se colocar, tempos mais tarde, para a Semiótica francesa devido à ampliação de objetos analisados pelos seus pesquisadores.

Das pesquisas de Greimas e de outros semioticistas, entendeu-se que, a partir da disposição das figuras de um texto, era possível se chegar a mais de uma leitura temática. Uma mesma figura poderia remeter a semas diferentes. A explicação era que um signo polissêmico possibilitava leituras em planos distintos, permitindo a passagem de uma isotopia temática à outra. Havia figuras que, em alguns textos, funcionavam como um conector de isotopias. Assim, textos que possibilitavam mais de uma leitura não eram produtos da “visão” do enunciatário, mas uma criação do enunciador<sup>3</sup>. Aos textos que permitem mais de uma leitura tem-se a denominação **pluri** ou **poli-isotópico**<sup>4</sup>. Em dois textos belíssimos, Greimas explora a qualidade poli-isotópica do discurso e mostra que a figuratividade não é apenas uma forma de fazer referência ao mundo, seu papel vai muito além disso.

Na análise do conto de Maupassant, “*La ficelle*” (1983, p. 135-155), o semioticista toma a descrição como forma de disposição do saber sobre o ser e o fazer dos atores. Greimas observa que as descrições do conto constituem uma hierarquia entre os atores do enunciado. Esta afirmação é pautada na análise dos traços sêmicos das figuras que geram, segundo o semioticista, uma metáfora descritiva (1983, p.146-8). É por meio desse tipo de metáfora que se constitui uma lógica espaçotemporal, organizadora dos acontecimentos e que, ao mesmo tempo, sustenta um valor. A descrição é tomada por Greimas como uma micronarrativa no interior do conto, que torna mais viva a estrutura temática do enunciado. O autor nota que a descrição pode ser, assim, dotada de outras funções narrativas diferentes daquela que costumamos pensar (1983, p. 154). É importante lembrar que a descrição se pauta por uma densa figuratividade pela qual espaço, pessoas, lugares, objetos e tempo adquirem densidade perceptiva para o enunciatário.

No texto “Le savoir et le croire: un seul univers cognitif” (1983, p. 115-134), Greimas aborda a relação entre o **crer** e o **saber**. Ao desenvolver suas reflexões, vai demonstrando que essas duas modalidades se fundamentam no mesmo universo cognitivo e propõe que, ao invés de investigá-las como dois sistemas diferentes, faça-se uma verificação

<sup>3</sup> No livro *Ensaio de Semiótica poética* (1975), o estudo de Rastier, “Sistemática das isotopias”, demonstra muito bem esse tipo de característica textual.

<sup>4</sup> Sobre os conceitos isotopia figurativa e temática, pluriisotopia, contrato veridictório, cf. BARROS (1990).

do tipo de racionalidade que articula o **crer** e o **saber**. Nessa direção, o semioticista nos faz notar que o **crer** constitui um tipo de sanção passível de ser entendida como uma adesão realizada a partir da identificação de estruturas elementares que se repetem em novos enunciados (idem, ibidem, p. 128). Em outras palavras, a crença está relacionada ao reconhecimento de estruturas que, ao se repetirem, constroem conseqüentemente um saber sobre elas. Se a articulação do conhecimento se estabelece por uma racionalidade paradigmática (raciocínio lógico), o reconhecimento e a sanção sobre ele se constroem sobre uma racionalidade sintagmática (raciocínio figurativo). A racionalidade sintagmática é possível em função da figuratividade, que pode se apresentar nos textos como forma de erigir mais de uma interpretação, como acontece nos textos poli-isotópicos. Neste ponto Greimas nos chama atenção apontando que as figuras, em determinados discursos, como na parábola, por exemplo, instaura um raciocínio paralelo de estatuto anagógico. Erige-se uma segunda isotopia figurativa nesse tipo de discurso, construindo um raciocínio paralelo, segundo o autor. Este último tipo de racionalidade rege os fazeres cognitivos e pragmáticos dos sujeitos instaurando uma forma de vida (idem, ibidem, p.129-131). É assim que se torna possível entender que a dimensão figurativa do discurso, além de estabelecer uma segunda isotopia temática, constitui uma isotopia figurativa subjacente. Nas palavras do autor,

[...] le discours figuratif, une fois déréférencialisé, se trouve disponible et apte à se lancer à la quête des significations autres, anagogiques, l'exercice du niveau figuratif parvenant à créer, dans des conditions qui restent à déterminer, un nouveau "réfèrent" qu'est le niveau thématique.

Pourtant, ce n'est pas tellement l'articulation syntagmatique du discours figuratif qui mérite notre attention – celle-ci reste "causale", logique ou fiduciaire selon les cas – mais plutôt son aptitude à projeter une double référence, la première *en profondeur* et créatrice d'une isotopie thématique plus abstraite, et la seconde, *en latéralité*, développant une nouvelle isotopie figurative parallèle (idem, ibidem, p. 131).

Foi desse modo que, por um lado, verificou-se que a descrição tem um papel relevante na construção do raciocínio figurativo e, por outro, que nem todos os textos descritivos fundamentavam tal estrutura. Em razão disso, constituiu-se uma investigação sobre o **raciocínio figurativo** e o modo de descrição empregada nos textos, tendo sempre como pano de fundo as investigações sobre a figuratividade.

Os textos apresentados até aqui procuraram desenhar o contexto da constituição do conceito figuratividade, apontando, ainda que de maneira indireta, para as discussões que se fizeram a partir do último trabalho de Greimas. Durante algum tempo, e talvez isto persista contemporaneamente, o livro *De l'imperfection* (1987) foi tomado como uma obra de ruptura. A meu ver, ele apenas faz uma marca temporal das mudanças que estavam se engendrando na Semiótica. Digo isso em função das discussões, das reflexões, dos textos produzidos tanto por Greimas quanto pela sua equipe de trabalho. É possível observar em todos eles as bases que tornaram possível tratar a figuratividade para além da sua função de acabamento do discurso. Os verbetes do segundo dicionário, a publicação do *Bulletin* (cujo trabalho de Bastide pode ser considerado como termômetro das reflexões sobre o figurativo e o figural) e das *Actes Sémiotiques* (todos os textos apresentam discussões que vão desde o papel da criação da ilusão de referente até a construção do ponto de vista do enunciatário) e, especificamente, os textos de Greimas indicam para a ampliação do conceito figuratividade. É

por essa razão que tomo *De l'imperfection* não como ruptura, mas como o ponto que marcou a tomada de novos rumos já pensados para o tratamento do conceito.

### Novos rumos

Estudada primeiramente como procedimento de concretização do sentido, a figuratividade passa a ser examinada sob outro olhar: buscam-se as suas origens e os efeitos produzidos no sujeito não mais como um contrato veridictório das relações estabelecidas entre as figuras do texto e aquelas do mundo. A publicação do *De l'imperfection* (1987) inicia uma nova empreitada que tem como ponto principal a ruptura da linearidade cotidiana por meio da percepção e da relação do sujeito com o objeto. O livro traz um conjunto de artigos que relata a ruptura das ações cotidianas causadas por objetos que convocam os sentidos dos sujeitos. Assim, no primeiro texto, temos a gota suspensa da clepsidra que faz Robinson olhar, depois de muito tempo, o horizonte e ver a ilha. Noutro texto mais adiante, é o odor de jasmim que faz a pianista parar de tocar e interromper seu estudo diário. O objeto que ressemantiza o cotidiano convoca por meio dos sentidos – visão, tato, olfato, gustação e audição – o corpo que percebe e sente...

No cenário desenhado, do qual o livro de Greimas é ponto de referência, abrem-se frentes de discussões e de reflexões para análises de textos e situações que produzem a estesia causadora da ressemantização do cotidiano. Observa-se que a estesia não é atingida por meio de qualquer situação e que nem todos os textos têm o objetivo de reproduzi-la. Assim, buscou-se entender a composição do momento estésico, buscando-se levantar as suas características. Segundo Barros (1998, p. 119-133), o momento estésico se compõe de cinco itens: (1) ruptura tanto semântica quanto veridictória – a primeira, caracterizando-se pela mudança isotópica da dessemantização para a ressemantização do sentido, e a segunda, pela passagem do nível da aparência para o nível da imanência, respectivamente; (2) manifestação discursiva da clivagem por meio do espaço e do tempo, aspectualizados pela descontinuidade. Nesse caso, a pontualidade e a delimitação do espaço manifestam a “fratura” em que se obtém o efeito de sentido de atemporalidade ou de suspensão no fluxo temporal do sujeito; (3) transformação de estado de disjunção para aquele de conjunção “total” entre sujeito e objeto, causando o efeito de fusão. Há aqui uma inversão de papéis em que o sujeito é objetalizado e o objeto torna-se o Destinador; (4) o percurso passional da estesia pode se manifestar de diferentes maneiras marcando formas diversas de prazeres. Temos aqui, o deslumbramento, a fascinação, a revelação, a penetração e catarse ou purificação como paixões, que afetam o sujeito<sup>5</sup>; (5) a mudança da dimensão de análise: enquanto a imperfeição do sujeito ocorre no nível pragmático ou cognitivo do cotidiano, a estesia ocorre no nível do sensível.

As características acima descritas, na esteira das reflexões que o livro suscitou, fomentaram duas formas de reflexões: a primeira voltada para análise de textos e de situações que provocavam a estesia, como exemplifica o livro publicado no Brasil *Semiótica, estesis, estética* (1999). Nesse livro, os autores buscam analisar como textos dos mais variados e algumas situações (como o ato de beber cerveja no bar) provocam a ruptura cotidiana. O efeito estético de catarse, por exemplo, é tratado no artigo “O objeto artístico e a experiência

---

<sup>5</sup> As paixões aqui referidas são as descritas no estudo dos textos que compõem o livro de Greimas (1987).

estética” (FIORIN, 1999, p.101-117), no qual o autor aborda o ato de leitura como ruptura do cotidiano.

A segunda forma de reflexão que *De l'imperfection* proporcionou foi a investigação da figuratividade e a sua função como “tela do parecer”, devido ao trecho citado muitas vezes por diversos semioticistas:

A figuratividade não é um simples ornamento das coisas, ela é essa tela do parecer cuja virtude consiste em entreabrir, em deixar entrever, graças ou por causa de sua imperfeição, como que uma possibilidade do além-sentido (GREIMAS, 2002, p. 78).<sup>6</sup>

O termo qualitativo “tela do parecer”, os contos analisados e as situações neles descritas (o corpo sofrendo a presença do objeto) suscitaram uma busca pela relação entre corpo e sentido, pelo estudo da profundidade da figuratividade, chegando às investigações sobre a percepção. Nesse contexto, ocorreu um verdadeiro retorno à fenomenologia de Husserl (1950) e de Merleau-Ponty (1971; 1989). Os livros desses autores foram retomados para entender como a filosofia tratava a percepção, já que essa área foi uma das fontes de inspiração de Greimas para constituir a Semiótica francesa.

Leituras e discussões de estudos mais especializados sobre a percepção, como os da biologia, da física e da psicologia, foram realizadas por vários semioticistas para apresentações em eventos de Semiótica (mais especificamente aqueles que participaram dos Seminários realizados em Paris entre 1998 e 1999 – veja anexo) e elaboração de textos. Pesquisadores de várias partes do mundo (França, Itália, Brasil entre outros) buscaram desenhar e/ou explicitar um esquema que acreditavam sustentar o funcionamento da figuratividade. Para isso, buscou-se investigar sua origem no domínio da percepção, entendendo-se, por isso, que o parecer deixa de ser um problema da intersubjetividade discursiva (de contrato veridictório) para ser considerado como o resultado da apreensão sensível (crença biológica e percepção do corpo) que se apresenta no discurso à maneira de figuras. Nas palavras de Bertrand (2000):

[Le] paraître définit désormais un espace sémiotique propre, et par là en lui même problématique, où se réalise l'articulation entre la scène de l'acte sensible, cette nappe de sens qui enveloppe les choses dans l'aperception, et la mise en discours des figures qui en attestent la présence dans le langage (p. 149).

É assim que, no esforço por compreender como o sentido chega a ser figurativizado, instaurou-se, no centro das reflexões sobre a figuratividade, um interesse sobre a dinâmica da percepção, levando, com essa atitude, a considerá-la como a origem da própria figurativização.

O trabalho de Teresa Keane, “Figurativité et perception”, em *Nouveaux Actes Sémiotiques* (1991), é amostra exemplar dos estudos e reflexões que se fizeram em torno da percepção e da sua relação com o conceito semiótico. A autora sustenta a tese de que a percepção engendra a figuratividade que, por sua vez, é debreada nos textos. Noutros termos, a figuratividade encontrada nos textos nada mais é do que uma debreadagem da percepção. No entanto essa passagem não é simples e direta, pois a percepção necessita de um corpo e da linguagem para desdobrá-la em figuras do discurso. Keane propõe, então, a existência de duas

---

<sup>6</sup> Utilizo-me, aqui, da tradução brasileira.



figuratividades: a profunda, relacionada com a percepção e captação das figuras do mundo, e a de superfície, encontrada nos textos em geral. Para demonstrar sua hipótese, a autora analisa um texto de Ítalo Calvino, observando a construção da figuratividade relacionada ao campo visual (traços eidéticos, cromáticos e de luz). Keane reflete que antes de nós categorizarmos o mundo, nós o percebemos. Esse trabalho é um referencial ao estabelecer a discussão sobre o termo **figuratividade profunda**.

Aqui, no Brasil, a relação entre figuratividade e percepção ganha discussões das mais diversas. O livro *Figurativização e Metamorfose: o mito de narciso*<sup>7</sup> (1995), de Ignacio Assis Silva, aborda a figuratividade do texto em termos de mudança que deve ser investigada, aquela que acontece “na transformação de uma experiência em signo [onde] ocorre uma metamorfose fundadora (p. 32)”. O autor busca entender, ou propor, a existência de uma **matriz figurativa** que funda a figuratividade do texto. A partir das reflexões geradas em torno do *De l'imperfection*, Assis Silva afirma:

Há uma figuratividade profunda que repercute, ressoa, na superfície do texto. A relação entre a figuratividade profunda e a de superfície é conhecida, na teoria semiótica, como *figurativização*. Ela institui um jogo de eco (Eco?!) ou de espelho (Narciso?!) entre a estrutura profunda e a de superfície. Estamos acostumados a pensar nessa relação com s dando no sentido que vai da estrutura profunda em direção à de superfície. Usando as metáforas Eco e Narciso, estou sugerindo uma orientação dupla na leitura desse percurso: pode ser que as figuras de superfície sejam eco da estrutura profunda, pode ser ainda que a relação entre esses níveis seja uma espécie de relação narcísica, um jogo de espelhos. (1995, p. 30-31, grifo do autor).

É relevante dizer que o pesquisador brasileiro estava muito atento às discussões em torno do último livro de Greimas e, sobretudo, às reflexões em torno da figuratividade, da linguagem e da percepção e das relações entre essas grandezas.

No cenário das pesquisas, elaboraram-se duas produções brasileiras resultantes de seminários nos quais o tema central foi a última produção do fundador da Semiótica francesa.

O livro *Do inteligível ao sensível*: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas (1995), organizado por Ana Cláudia de Oliveira e Eric Landowski, é um conjunto de artigos que trazem pontos de vista, às vezes, divergentes, como observado logo na abertura. O mérito do colóquio e do livro, resultante do evento, é justamente esse, pois, do momento em que fora fundada até aquela época, a Semiótica francesa, ou discursiva, **amadureceu**, ou se transformou, qualidade das teorias que não se querem e que não são dogmáticas, segundo Landowski. Dos excelentes artigos que a obra nos expõe vou apontar três que tratam de forma mais direta dos temas que abordamos neste trabalho. O primeiro deles é o trabalho de Beth Brait, “Discursividade e figuratividade: conjecturas em torno da imanência do sensível”, cujo percurso traçado mostra as obras que fundamentam as discussões sobre a figuratividade e o conceito de figura, mostrando, por meio de uma seleção de obras capitais para a Semiótica, inclusive algumas citadas aqui, a evolução da teoria greimasiana e como essas produções dialogaram para construção dos referidos conceitos. A autora nos mostra que muitas das reflexões produzidas já estavam no *Sémantique Structurale* (1966), retomadas pelo *De l'imperfection* (1987).

---

<sup>7</sup> O título original deste trabalho é *Figurativização e metamorfose: indagações sobre os fundamentos da linguagem*, observação feita pelo autor na página 28.

O segundo texto é “A estesia como condição do estético”, de Ana Cláudia de Oliveira. A autora aborda a estesia, as suas condições de acontecimento e o papel do objeto, tratando da estrutura do sensível apoiada na última obra de Greimas. Ao final de sua análise apresenta um trecho do *Sémantique Structurale* do qual se depreende que seu autor já abordava a percepção muito antes do seu último livro. Reescrevo-o:

Nós percebemos diferenças e graças a essa percepção o mundo “toma forma” diante de nós e para nós... o modo de existência dos termos-objetos na percepção conduz a se interrogar sobre a natureza mesmo da percepção. Sua análise, segundo o princípio epistemológico, não pertence mais à Linguística (p. 19, tradução livre de Ana Claudia de Oliveira).

Segundo a autora, a Semiótica já tinha condições de entender e estudar o papel da percepção na construção de objetos estéticos após as publicações dos livros *Semiótica das paixões* (1993) e *De l'imperfection*, que, na edificação de uma teoria da significação, abriram “uma outra rota a ser desbravada pelos seus seguidores (1995, p. 236)”.

O terceiro texto é “A semiótica e Merleau-Ponty” de Luiz Tatit. O autor trata do conceito de corpo que fora, segundo ele, por muito tempo, deixado de lado pela teoria greimasiana e que estava voltando ao cenário em razão da epistemologia realizada no livro *Semiótica das paixões*. Ao neutralizar a dicotomia mundo/sujeito no livro, cujo subtítulo já mostrava “dos estados das coisas aos estados de alma”, segundo o autor, estava se retomando o conceito de corpo de forma particular e, com ele, a noção de percepção. Diante disso, outros conceitos foram retomados e desenvolvidos, como é o caso de “foria”, que recebe um tratamento tensivo. Temos, então, a tensividade fórica que engendra o fluxo temporal contínuo, entrando, assim, no nível das precondições existenciais, aquém do percurso gerativo do sentido. Nesse quadro apontado por Tatit, vemos que os trabalhos de Zilberberg apresentam a possibilidade de estudos do **tempo profundo**, o mesmo nível em que se quer observar o engendramento da figuratividade.

Enfim, esses textos, a meu ver mais especificamente, refletem o estado das discussões sobre o parecer que constitui um espaço semiótico próprio cuja problemática envolve os conceitos de percepção, corpo e significação e onde a figuratividade tem papel central.

A segunda publicação, resultante de outro evento, é o livro *Corpo e sentido* (1996), organizado por Ignacio Assis Silva. Nessa obra, temos a reiteração dos diferentes pontos de vista que constituem a Semiótica francesa. Se alguns textos procuram apontar o papel do corpo na construção do sentido, da estesia e da semiose, temos o exemplo do texto “A escuta do sensível”, de Ignacio Assis Silva; outros observam os perigos de se tomar um objeto fora da teoria, “encarnando-a” – “Viagem às nascentes do sentido”, de Eric Landowski, e há outros que, diante das discussões, optam por tratar sobre como se realiza a representação do corpo nos textos – “O corpo nos estudos da Semiótica francesa”, de José Luiz Fiorin.

Embora não se tenha o espaço necessário para discutir os artigos, muito bons, o que quero apontar é que essas discussões estavam em consonância com aquelas feitas em Seminários ocorridos em Paris/França.

No período de novembro de 1998 a junho de 1999, realizou-se o Seminário Intersemiótico, em Paris/França, sob a direção dos semioticistas Jacques Fontanille e Denis Bertrand. O título do encontro foi *Modes du sensible et formes sémiotiques: II. L'autonomie du figuratif: Polysensorialité, synesthésie, syncrétisme et sémiotique du corps*. Houve a participação de pesquisadores das mais variadas formações, buscando apontar os diferentes pontos de vista sobre o **figurativo** e sua relação com a percepção. Os modos do sensível, ou

seja, as maneiras pelas quais o mundo é apreendido (pela visão, pelo tato, pelo gosto, pela audição e pelo olfato) e a constituição do discurso foram abordadas quinzenalmente, fomentando um amplo e proveitoso debate entre os participantes dos seminários (ver o anexo dos títulos das apresentações e seus respectivos autores no final do artigo).

Era claro que os encontros não buscavam construir um ponto de vista comum ou construir um conceito, tampouco obter uma definição final de figuratividade. Procurava-se entender, e mesmo verificar, se era possível existir uma autonomia figurativa e como a sinestesia perceptiva poderia constituir a figuratividade. O trabalho de Keane estava diretamente implicado nessas discussões junto aos de alguns filósofos que participaram do seminário ou que fomentaram as reflexões. É o caso de Pierre Ouellet, que fez a apresentação do artigo da semioticista e publicou, no ano seguinte, o texto “Signification et sensation” nas *Nouveaux Actes Sémiotiques* (1992).

No mesmo período, 1998/1999, sob a direção de Jean Petitot, Ivan Darrault-Harris, Michel Constantini e Jean-Jacques Vincensini, aconteceu o seminário *Narrativité et discursivité en éthosémiotique*. Esse evento teve como principal característica estabelecer um diálogo entre a Semiótica francesa e as disciplinas que têm como objeto de estudo o comportamento humano. Embora o tema central não fosse a figuratividade, havia um ponto convergente entre os dois seminários: observar o papel do corpo na constituição do discurso.

Enquanto isso, ocorreu, na Nouvelle Sorbonne/Paris III, o curso *Sémiotique littéraire*, cujo conferencista foi Denis Bertrand. O curso voltou-se para a apresentação e o estudo dos conceitos fundamentais da semiótica greimasiana e sua aplicação em textos literários. Desse modo, o conceito de figuratividade também foi apresentado e discutido como acabamento do discurso e como acesso ao sensível. Desse curso, resultou o livro *Précis de sémiotique littéraire* (2000), traduzido pelo grupo CASA em 2003. Os capítulos 5, 6 e 7 desse livro tratam mais especificamente da figuratividade e da sua evolução no interior da Semiótica francesa. No decorrer dos capítulos, apresentam-se análises de textos que contemplam o estado da arte do conceito nas diversas fases da teoria.

Nesse mesmo livro, Bertrand, por exemplo, retoma conceitos discutidos por Greimas no texto “Le savoir e le croire: un seul univers cognitif” para analisá-los frente às modalidades veridictórias, relidas por P. A. Brandt (1995), e às modalidades epistêmicas. Sua hipótese é que o contrato fiduciário é mesmo resultante da crença compartilhada, cujo fundamento está nos valores figurativos, advindos do ato de percepção, e colocados em circulação pelo discurso. Segundo o autor, os valores sociais, assim como as opiniões compartilhadas entre os membros de um grupo, de uma classe social, ou até mesmo de uma sociedade constituem um horizonte de opiniões estruturadas em valores figurativos (BERTRAND, 2000, p. 151-153). Em outros termos, determinado número de figuras se estabiliza erigindo isotopias como sistema de valor no qual se molda, paulatinamente, a visão de mundo. No entanto, da mesma forma que isso garante o deslocamento do sujeito no universo do senso comum, ou seja, dos sentidos compartilhados, isso o leva à repetição de percursos interpretativos reificando a percepção (a corporal inclusive). O papel da linguagem nesse processo é fundamental, pois é por meio dela que se instaura uma matriz cultural de leitura do mundo e constituem-se práxis enunciativas que cristalizam as significações.

Entender o “fechamento” do sentido pelos valores figurativos tomou, então, relevância, constituindo uma pauta de investigação sobre (i) os aspectos da consciência perceptiva e sua relação com os jogos fiduciários, (ii) a cristalização (ou dessemantização) do percurso do sujeito e (iii) a ruptura figurativa como forma de ressemantizar tal percurso, isto é, a fratura figurativa enquanto estesia que pode conduzir a novos percursos interpretativos. Esse elenco investigativo tinha como ponto de partida (ou chegada a depender do ponto de

vista do pesquisador envolvido) o corpo, a linguagem, a apreensão do mundo pelos sentidos e, enfim, a figuratividade. Outras três obras foram decisivas para compor o debate que se instaurou.

A primeira é *Tension et signification* (1998), de Jacques Fontanille e Claude Zilberberg. O livro reúne conceitos que sustentam muitas das discussões sobre figuratividade (presença e práxis enunciativa, por exemplo). Cada capítulo faz um histórico do termo (recensão), apresenta sua definição e o observa no quadro teórico apresentando suas relações com outros conceitos (relações paradigmática e sintagmática). Podemos dizer que a obra apresenta-se à guisa de um dicionário com discussão e problematização dos termos.

As duas obras seguintes pertencem a Jacques Fontanille, *Sémiotique du discours* (1998a) e *Sémiotique et littérature* (1999). Nesses dois livros, o autor trata da percepção de forma direta, constituindo conceitos para as categorias perceptivas e as formas de apreensão. No primeiro livro, o autor aborda a relação da percepção e da constituição dos signos e os desdobramentos disso na linguagem. Com isso, há uma discussão bem interessante sobre o papel categorizador da língua e como esta permite a comunicação por operar com traços pertinentes dos objetos que simboliza. No segundo livro, traz uma tipologia perceptiva a partir da filosofia sobre a categorização do objeto, aplicando a hipótese em um texto (idem, 1999, p. 1-61).

Para fechar este cenário, embora existam muitas outras contribuições discutindo sobre percepção-significação ou sobre a significação, nos termos mais relacionados à constituição do texto, temos um artigo que busca, não por um ponto final nos debates sempre muito profícuos, a se notar pela quantidade de publicações que tem a Semiótica, mas observar que percepção e linguagem podem não ser grandezas dicotômicas como entendem alguns pesquisadores.

No artigo “Corpo, Semiose, Paixão e Pulsão”, publicado em *Perfiles Semióticos* (2003), Waldir Bevidas, percorrendo as veredas que a Semiótica traçou, face a tantas discussões, faz uma análise crítica dos resultados obtidos, confrontando-os com pontos de vistas e conceitos de filosofia e de psicanálise. Observa que não é no corpo que se procura onde nasce o sentido (p.46), pois esta não é função da teoria greimasiana, mas é preciso entender que a semiose, o signo e a significação só são possíveis em razão de haver um sujeito capaz de erigir tudo isso. É preciso pensar ainda, alerta o autor, que não há sujeito fora da linguagem. Dessa forma, Bevidas entende que o ato perceptivo não está isento de significação, isto é, perceber o que está no mundo já significa. As timias e os humores do corpo só existem, só são entendidos, só possuem sentido quando adquirem significado para o sujeito. O corpo significa pela linguagem. Noutros termos, a percepção já é em si um ato semiótico porque faz parte de um sujeito de linguagem. Como resultado dessa argumentação erigida no decorrer do artigo, Bevidas propõe o conceito **semiocepção**, ou seja, da existência da percepção já semiotizada e atravessada pela(s) linguagem(ns). Para o autor, não existe, pois, a percepção primeva, ou seja, no campo do humano, não há percepção pura.

O conceito semiocepção não foi aplicado empiricamente em nenhum texto, no entanto não se pode deixar de reconhecer que este pode ser um meio de se explicar a figuratividade profunda (ou de constatar a sua inexistência), a constituição de uma sintaxe perceptiva ou a metamorfose radical das figuras do mundo para as figuras do discurso.

Diante da tentativa de constituir um cenário epistemológico da figuratividade, busco, a seguir, fazer minhas considerações à guisa de uma conclusão. É impossível dizer onde terminam as discussões ou que direção irão tomar as pesquisas. O certo é que a Semiótica evolui, e é isto que faz a teoria ser, de fato, científica.

### **Conclusão: os caminhos percorridos**

Está claro que não fizemos uma descrição exaustiva nem das condições nem das publicações que fomentaram as discussões em torno do conceito figuratividade. Faltaram muitas publicações (inclusive as mais recentes) que sustentaram os debates em torno do conceito ou foram resultados destes. No entanto acredito que já foi possível dar um panorama e de se vislumbrar um viés epistemológico da figuratividade, embora as obras citadas, podem dizer alguns, privilegiem apenas um ponto de vista sobre os debates nas duas últimas décadas. Isso tem uma razão de ser que será explicada, acredito, a seguir. Antes de me lançar à conclusão, quero fazer duas observações que sustentarão meu ponto de vista.

A primeira observação que faço é que todos os debates e as polêmicas em torno da figuratividade só foram possíveis porque Greimas abriu caminhos concebíveis para tais ocorrências. Em todas as suas produções, e particularmente naquelas citadas aqui, notam-se termos que nos remetem a questões sobre sentido e percepção. Brait (1995) apontou isso quando tratou da figuratividade tomando o verbete no Dicionário I, o *Semântica Estrutural e Da imperfeição*, de Greimas.

A segunda observação é que tudo isso também só ocorreu porque os pesquisadores que trabalham com a Semiótica tomaram “as pistas” deixadas por Greimas como oportunidades de construir caminhos para a teoria, mesmo antes do desaparecimento do mestre. Sem essas precondições, acredito, não haveria a Semiótica francesa com o perfil que ela teve e tem até os dias de hoje: um espaço cognitivo no qual a investigação e o debate são pilares de sustentação. Diante disso, passemos às ponderações sobre os caminhos que a figuratividade instituiu.

Vemos que, no cenário desenhado paulatinamente, saímos de estudos sobre o papel da figuratividade como finalização do discurso e o meio pelo qual se apreende os sentidos do textos, para, aos poucos, construir o caminho onde o conceito tem sua função ampliada. Desse percurso, faço o seguinte balanço: as produções Semióticas em torno do conceito nos mostram que os Dicionários I e II, em particular a segunda entrada escrita por Zilberberg e o texto de Bastide, no *Bulletin 20*, se não definiram, tiveram bastante peso na construção da noção de figuratividade profunda. Por sua vez, a publicação do mesmo *Bulletin* e depois as *Actes Sémiotiques*, 26 apontam a relevância do estudo do conceito. Isso está claro no texto de Geninascia na abertura da primeira publicação, do qual utilizei parte como epígrafe e como citação no corpo deste trabalho. O volume de trabalhos apresentados, fruto de um ano de discussão, na segunda publicação e as considerações de Greimas ao final reiteram a importância do conceito frente à teoria e também dos desafios encontrados pelas investigações realizadas e aquelas que estavam por vir.

Os dois seminários ocorridos em Paris sobre a figuratividade, o primeiro, em 1983, e o segundo, entre 1998/1999, demonstram a necessidade do debate (e até mesmo da polêmica) para entender seu papel na teoria, na constituição dos textos, na existência de uma sintaxe autônoma, na relação implícita ou não com a percepção, no estabelecimento de sinestias convocadoras dos sentidos do enunciatário e nas bases figurativas da linguagem.

No Brasil, os seminários sobre o mesmo tema, embora este apareça de maneira transversal nas indagações sobre as relações entre o inteligível e o sensível ou entre o corpo e sentido, também renderam muitos bons trabalhos, dos quais apenas alguns foram citados, reunidos em dois livros que podem ser considerados referências básicas do assunto na nossa literatura Semiótica. Esses eventos, que aconteceram na França e no Brasil, mostram o quadro, as bases teóricas, o conceitual, tanto dentro da Semiótica quanto de outras disciplinas (filosofia, biologia, psicanálise, por exemplo) que sustentaram as reflexões. Mais do que isso,

os seminários mostraram a capacidade de diálogo e de investigação dos pesquisadores da teoria.

Neste panorama, o livro de Ignacio Assis Silva é um marco nos estudos sobre a figuratividade no Brasil. Nele encontramos as reflexões mais recentes sobre o conceito e o diálogo que estava por se estabelecer entre a Semiótica e outras disciplinas que, de maneira indireta, estudam a significação. É o caso da psicanálise, cujo foco de interesse é a psique humana, por exemplo.

Acredito que todos os pesquisadores da Semiótica francesa concordam que as produções de Greimas foram as balizas que permitiram todos os caminhos que temos na figuratividade. Assim, no *Sémantique Structurale* (1966), temos o conceito de figura nuclear. Nos dois textos do *Du Sens II* já citados neste artigo, opera-se com a noção de autonomia da isotopia figurativa e com o papel da descrição que, erigindo uma hierarquia figurativa, estabelece valores. No *De l'imperfection* (1987), Greimas afirma que a figuratividade não é apenas um acabamento discursivo (simples tela do parecer), mas o acesso direto ao sentido. Os textos utilizados para confirmar a hipótese (ou afirmação), como já dito no corpo deste trabalho, são descrições como os objetos afetam o corpo. Claro que se trata do **corpo dos personagens** dos textos, porém estes descrevem sensações. E não é possível explicar e explicitar o que os personagens sentem e que significações são erigidas nos textos por meio das sensações, se não se sabe como essas sensações se organizam e qual a sintaxe que elas estabelecem.

Se Greimas, ao lado de Fontanille, ocupou-se em pensar uma epistemologia das paixões no livro *Semiótica das Paixões* (1993), é dedutível que tratar dos estados de alma tinha contribuições para se entender as nuances do sentido. Creio que o mesmo ocorre com as investigações feitas sobre corpo e percepção cujo centro, ao final de tudo, é observar (e talvez constatar) a relevância da figuratividade na organização e na apreensão do sentido. Todo contexto se construiu diante de discussões, trabalhos e investigações. Isso tudo constituiu as condições para as pesquisas e os debates sobre o papel do corpo e da percepção na apreensão de uma figuratividade profunda, ou na construção da sintaxe figurativa como debragem das apreensões pelos cinco sentidos.

Além disso, a meu ver, todas as discussões em torno da percepção, da sua relação com a figuratividade, o retorno aos textos de fenomenologia – com sua noção de corpo que sente e percebe, entre outros conceitos que, às vezes, pareciam digressões e divagações – demonstram a maturidade da Semiótica e a sua preocupação em construir um instrumental teórico capaz de dar conta de textos cada vez mais complexos e resistentes a análises canônicas. Mesmo sabendo da eficácia comprovada do conceitual da teoria francesa, pela quantidade de trabalhos analisados, as narrativas que hoje se apresentam e já existentes há algum tempo desafiam análises de outrora. Os heróis, os personagens não estão mais sozinhos (os romances de hoje têm núcleos de personagens que desenvolvem percursos paralelos no decorrer da narrativa) e não são bons ou maus, são contraditórios, enfim, são humanos. A temporalidade há muito que não obedece mais à linearidade da escrita (os textos começam no futuro e descrevem o presente), e a percepção do mundo desses personagens decorrem de seu deslocamento por tempos e espaços não lineares (flashback ou a alucinação, por exemplo). As narrativas se tornaram complexas, difusas e muito heterogêneas na sua constituição.

Ainda, temos um suporte textual que exige bastante de qualquer análise que se possa fazer dele: o computador que nos coloca o mundo à frente do leitor. Os textos da internet não são lineares e convocam muito da percepção do enunciatário. Aliás, a maioria dos textos construídos para o ciberespaço é voltada para convocar os sentidos, a começar pelo

visual. Diante de um objeto complexo como esse, o que deveria fazer a Semiótica francesa? Deixar de se lançar à investigação? Acredito que nenhum pesquisador se furtaria dessa aventura, visto já haver trabalhos que abordam o tema acima. Para isso é preciso que a teoria desenvolva conceitual que auxilie o semioticista ser capaz de análises inteligíveis, ou seja, análises que explicitem e expliquem a organização do sentido. Retomando uma frase célebre entre os pesquisadores: “A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar **o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz**” (BARROS, 1990, p. 7, grifo do autor). Para que a teoria tivesse condições de dizer como o texto constrói seu sentido, ela constituiu seus conceitos. É diante do objeto que se constituem os conceitos. Assim, diante de objetos complexos, de textos complexos, é necessário que os pesquisadores em Semiótica façam investigações, estabeleçam diálogos, constituam debates para construir conceitos que tornem possível a compreensão desses objetos.

Resta agora tratar do novo conceito proposto para que se investigue e se discuta a questão da percepção e do corpo, noções que ganharam relativa autonomia dentro de tudo que foi realizado em torno da figuratividade. Estamos falando do conceito semiocepção proposto por Beividas.

Partindo da hipótese de que não existe, mesmo, percepção fora da linguagem e que a percepção já é eivada de significados, então poderia arriscar dizer, pois não tive ocasião de trabalhar com o conceito, que não existe um só tipo de semiocepção, mas graus semioceptivos os quais dependem de quão está imerso o sujeito na linguagem. Assim, seria possível ter mais apreensões a depender o quanto o sujeito opera a, ou está imerso na, linguagem. Isso me ocorre quando penso se a semiocepção seria a mesma em um sujeito pouco letrado e em outro mais letrado (no sentido do conceito letramento).

Em se tratando de sujeitos do texto, fratura cotidiana, como nos contos selecionados por Greimas e outros apontados pelos semioticistas, seria um caso em que o percebido não foi discursivizado, ou seria aqui a rebelião do corpo contra a linguagem? Essas questões que faço são para demonstrar que ainda muita reflexão será feita em torno do assunto tratado neste artigo.

É em razão de tudo o que foi dito, de tudo que ocorreu, de tudo que se construiu que acredito que indagar os conceitos de corpo, percepção, figuratividade profunda não foi dar estatuto ontologizante à Semiótica, mas foi entender, por meio dessas noções, questões que fustigavam a teoria e dar as condições de se erigir conceitos que dessem conta de objetos cada vez mais complexos. Objetos que refletem a evolução de sujeitos que possuem corpo, percebem e, pois, deslocam-se pelo mundo, apreendendo-lhes as figuras. Suponho, então, que Greimas, ao elaborar o *De l'imperfection*, quis indicar um caminho: que a Semiótica não pode e não deve parar de se propor problemas e de buscar, se não resolvê-los, ao menos enfrentá-los.

## **Agradecimentos**

Quero agradecer aos organizadores do *Seminário de Semiótica “Ignacio Vive: 10 anos de Grupo CASA”* a oportunidade de participar de um encontro com a Semiótica e com os colegas de teoria, tendo a felicidade de retomar um tema que fez e faz parte das minhas pesquisas.

## Referências bibliográficas

- ACTES SEMIOTIQUES-BULLETIN. *La Figurativité, II*. Paris, v. VI, n. 26, 1983.
- ASSIS SILVA, I. *Figurativização e metamorfose: o mito de narciso*. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1995, 276 p.
- ASSIS SILVA, I. (org.) *Corpo e sentido: a escuta do sensível*. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, 282 p.
- BARROS, D. L. P. de. *Teoria Semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990, p. 96.
- \_\_\_\_\_. ‘De la perfection’: duas reflexões. In: LANDOWSKI, E. DORRA, R. e OLIVEIRA, A. C. de.(eds.) *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: Educ/ Puebla: UAP, 1998, p.119-133.
- BASTIDE, F. Le sentier et la cascade, deux figures “spontanément” aspectualisées. *Le Bulletin*, Paris, n. 20, p. 16-26, 1981.
- BEIVIDAS, W. Corpo, semiose, paixão e pulsão. *Semiótica e metapsicologia. Perfis Semióticos*. Revista de Estudios Semiolingüísticos. Mérida/Venezuela, n. 1, p. 43-61, 2003.
- BERTRAND, D. *Précis de sémiotique littéraire*. Paris: Nathan/HER, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Caminhos da Semiótica literária*. Trad.Grupo CASA. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2003, 444 p.
- BRAIT, B. Discursividade e figuratividade: conjecturas em torno da imanência do sensível. In: OLIVEIRA, A. C. DE & LANDOWSKI, E. (org.) *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995.
- BRANDT, P-A ET FLORES, R. “Niveaux et stratégies de la véridiction.” In : *Nouveaux Actes Sémiotiques*. Limoges, n. 39-40, 1995.
- COURTES, J. *Analyse sémiotique du discours : de l'énoncé à l'énonciation*. Paris: Hachette, 1991.
- FIORIN, J. L. O objeto artístico e a experiência estética. In: LANDOWSKI, E., DORRA, R. e OLIVEIRA, A. C. de.(eds.) *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo/Puebla: Educ/Uap, 1999, p. 101-117.
- FONTANILLE, J. *Sémiotique du visible: des mondes de lumière*. 1<sup>re</sup> édition. Paris: Puf, 1995, 210 p.
- \_\_\_\_\_. *Sémiotique du discours*. 1<sup>re</sup> édition. Limoges: Pulim, 1998, 294 p.
- \_\_\_\_\_. *Sémiotique et littérature: essais de méthode*. 1<sup>re</sup> édition. Paris: Puf, 1999, 262 p.
- FONTANILLE, J. & BERTRAND, D. (Dir.). Modes du sensible et formes sémiotiques: II. L'autonomie du figuratif: Polysensorialité, synesthésie, syncrétisme et sémiotique du corps . *Séminaire Intersémiotique*. Paris, IUF–EHESS – CNRS. Xerocópia, 1998-1999.
- FONTANILLE, J. & ZILBERBERG, C. *Tension et signification*. 1<sup>re</sup> édition. Liège: Pierre Mardaga, 1998, 253 p.
- \_\_\_\_\_. *Tensão e significação*. 1ª ed. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas/FFLCH/USP, 2001, 331 p.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique Structurale*. Paris: Larousse, 1966.
- \_\_\_\_\_. Condições de uma semiótica científica. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1966, 330 p.
- \_\_\_\_\_. Le savoir et le croire: un seul univers cognitif In: *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983, p. 115-134.
- \_\_\_\_\_. Description et narrativité à propos de “La ficelle” de Maupassant. In :\_\_\_\_\_. Paris: Seuil, 1983, p. 135-155.
- \_\_\_\_\_. *De l'imperfection*. Paris: Pierre Fanlac, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Da imperfeição*. 1ª ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002, 160 p.
- GREIMAS, A. J. & COURTES. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, s/d.



- \_\_\_\_\_. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage I*. Paris: Hachete, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*. 1<sup>re</sup> édition. Paris: Hachette, 1986, 270 p.
- HUSSERL, E. *Idées directrices pour une phénoménologie*. Paris: Gallimard, 1950.
- KEANE, T. Figurativité et perception. In : *Nouveaux Actes Sémiotiques*. Limoges, n. 17, 1991.
- LE BULLETIN, Paris, n. 20, 1981.
- MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Le primat de la perception*. Grenoble: Cynara, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia da percepção*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 666 p.
- OLIVEIRA, A.C. de. A estesia como condição do estético. In: OLIVEIRA, A. C. de & LANDOWSKI, E. (org.) *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995.
- OUELLET, P. Signification et sensation. In : *Nouveaux Actes Sémiotiques*. Limoges, n. 20, 1992.
- TATIT, L. A semiótica e Merleau-Ponty. In: Oliveira, A. C. de e Landowski, E. (org.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995, p. 161-7.
- ZILBERBERG, C. *Essais sur les modalités tensives*. Amsterdam: John Benjamins, 1981.
- \_\_\_\_\_. “Modalités et pensée modal”. *Nouveaux Actes Sémiotiques*. n. 3, Limoges, 1989.

\

## ANEXO

### Séminaire Intersémiotique (I.U.F. – E.H.E.S.S. – C.N.R.S.)

Modes du sensible et formes sémiotiques: II. L'autonomie du figuratif: Polysensorialité, synesthésie, syncrétisme et sémiotique du corps.

Direção: J. Fontanille/D.Bertrand

Nesse seminário foi explorado o conceito de figuratividade. Ao se debruçarem sobre ele, os participantes realizaram um diálogo com a fenomenologia da percepção cujo maior representante foi Merleau-Ponty. A proposta do seminário era pesquisar até que ponto a sintaxe figurativa poderia ser autônoma na estrutura geral da apreensão e compreensão do discurso.

Palestras:

Jacques Fontanille – L'autonomie de la syntaxe figurative.

Denis Bertrand – Syncrétisme, synesthésie et figurativité.

Claude Zilberberg – Sémiotique de la douceur.

Thomas Broden – Etude sémiotique d'un fragment de texte de Marguerite Duras.

Ivan Darrault-Harris – De l'olfaction à la vision : génèse du phatique et construction de la proto-instance énonçante chez le jeune enfant.

Marie Carani – Orientations et courants de la sémiotique visuelle.

Jean François Bordron – La dégustation.

Eric Landowski – Orientations actuelles de la socio-sémiotique.

Alessandro Zinna – Figures d'esthésies et d'extase. Etude d'un motif figural.

Denis Bertrand – Sémiotique et enjeux didactiques.

Alain J. J. Cohen – Lecture sémiotique de quelques extraits de la 3<sup>ème</sup> Critique de Kant.

Ana Cláudia M. de Oliveira – Le syncrétisme sensoriel dans une pratique quotidienne : boire le café.

Herman Parret – Les temps de l'ouïe.

François Lupu – Anatomie, anatomie pathologique, signes cliniques et symptômes chez les Tin.

Alexandre Surrallès – L'émotion d'un point de vue anthropologique.

Pierre Ouellet – Sémiotique du mouvement.

### Séminaire: Narrativité et discursivité en éthosémiotique - E.H.E.S.S.

Direção: J. Petitot, I. Darrault-Harris, M. Costantini et J.-J. Vincensini

Esse seminário teve como principal característica estabelecer um diálogo entre a semiótica francesa e as disciplinas que têm como objeto de estudo o comportamento humano.

Apresentações:

Michel Costantini (Paris VIII) – Espace et comportement : l'entrée du métro en gare de Saint-Denis.

Jean Petitot (E.H.E.S.S.) – La généalogie morphologique du structuralisme chez Claude Lévi-Strauss.

Jean-Jacques Vincensini (Université de Corse) – Expérience de la prédation et contraintes de la connaissance : aux sources médiévales de la narration.

Jean-Pierre Klein (INECAT, Hôpital de Maison Blanche) – L'évaluation sémiotique du processus de création en psychothérapie.

Ivan Darrault-Harris (Universidade de Tours) e Myrtha Chokler (Universidade de Buenos Aires) - Approche sémio-cognitive du comportement autonome du jeune enfant.

Jean-Claude Coquet (Paris VIII) – Comportement et Langage.

Jacques Fontanille (Universidade de Limoges/Instituto Universitário da França) Le corps narré. Topique somatique et syntaxe discursive.

Exposição de doutorandos e recém-doutores do Grupo de Semiótica e Liberdade (Paris VIII) - Sémiotique subjectale et psycho-sémiotique.

Lucien Scubla (CREA, Ecole Polytechnique) – Entre centre et absence: lieu de la souveraineté et traitement rituel du corps du roi.